

Governadores, uma grande incógnita

BRASÍLIA — Para aprovar seus projetos, o Presidente terá de negociar com os partidos de oposição, que somam 262 Deputados e 43 Senadores. Resta saber, ainda, como será a influência dos Governadores sobre suas bancadas, que não pertencem a partidos de oposição, mas adotam posturas independentes.

No caso da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, eleito no primeiro turno, tem sinalizado que seu apoio ao Governo estará diretamente condicionado ao que receber, em troca, do Planalto. Dono de uma influência que vai além da bancada baiana, Antônio Carlos Magalhães tende a fazer acordos com outra bancada que promete ser expressiva: a do ex-Presidente José Sarney, cujo o comportamento ainda é uma incógnita. Os amigos e ex-ministros de seu Governo asseguram que oposição radical não faz o estilo Sarney, mas líderes que hoje apóiam o Governo Collor temem pela sua reação e a influência que poderá exercer no Congresso.

O comportamento da bancada mineira, tradicionalmente conservadora, também é uma incógnita. Tudo vai depender do resultado do segundo turno no Estado, onde o candidato Hélio Garcia, do PRS, está liderando as pesquisas de intenção de voto contra o candidato do PRN, Hélio Costa, que tem o apoio de Collor. Ninguém se atreve a fazer prognósticos sobre a influência de Garcia na bancada mineira.

As lideranças governistas estão preocupadas com a perspectiva de Collor perder as eleições em outros grandes colégios eleitorais como São Paulo e Rio Grande do Sul. Eleitos Luís Antônio Fleury, em São Paulo, e Alceu Colares, no Rio Grande do Sul, as bancadas desses Estados serão fortemente influenciadas para combater o Governo Collor.

No PDC, espera-se uma atitude hostil do Deputado Jair Bolsonaro. Capitão da reserva, ele está desgostoso com o tratamento que o Governo tem dispensado ao soldo dos militares e já disse, repetidas vezes, que o Presidente anda "pisando nos coturnos". No PFL, as lideranças não sabem como se comportará o ex-Governador Roberto Magalhães.